

O SUJEITO SOB AS SOMBRAS DO ECLIPSE DA RAZÃO: aproximações preliminares

Marco Antônio Oliveira Lima¹

RESUMO: A contemporaneidade é marcada por intenso processo de produção do conhecimento. Tal produção orienta-se por viés científico com gênese no modelo cartesiano. Dentre as principais características destaca-se a epistemologia que promove cisão entre sujeito e objeto. A razão difundida pelos iluministas como promessa de autonomia intelectual, converteu-se em mecanismo de domínio e controle. Portanto, não se acredita na neutralidade científica do conhecimento. É fundamental que o sujeito se posicione de maneira a revisitar sua tensa, conturbada e filosófica relação com o objeto. O presente trabalho, ao analisar a obra *Eclipse da Razão*, identificou que a perspectiva de sujeito apresentada na obra é a de um ser/indivíduo crítico e engajado na resistência filosófica com vistas à emancipação.

Palavras-Chave: Produção do Conhecimento. Sujeito-Objeto. Emancipação.

ABSTRACT: Contemporaneity is marked by a process of intense production of knowledge. Such production is guided by scientific bias with genesis in the cartesian model. Among its main characteristics, epistemology, which promotes a split between subject and object, stands out. Reason, spread by Enlightenment as a promise of intellectual autonomy, became a mechanism of dominance and control. Therefore, scientific neutrality of knowledge is not believed to exist. It is essential that the subject position themselves in a way to revisit their tense, troubled and philosophical relationship with the object. The present work, by analyzing the work *Eclipse da Razão*, has identified that the subject perspective presented in the work is that of a critical being/individual, who is engaged in philosophical resistance with a view to emancipation.

Keywords: Knowledge Production. Subject-Object. Emancipation.

INTRODUÇÃO

Vive-se um momento ímpar no que se refere ao desenvolvimento científico. Nunca na história da humanidade a produção do conhecimento esteve tão acelerada e direcionada para diferentes frentes de atuação. É praticamente impossível verificar até que ponto as informações veiculadas pela indústria do conhecimento se constituem em possibilidades de alcance da autonomia. Ante a este contexto a ciência que promete uma existência longa, a partir do “elixir da eterna juventude”, anunciado pelo mercado das cirurgias plásticas e da cosmética, é a mesma que produz armas químicas e nucleares capazes de destruição em massa, ameaçando a todas as formas de vida sobre a superfície terrestre.

¹ Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Professor de Educação Física no Instituto Federal de Goiás - Campus Águas Lindas de Goiás. Possui como interesse de pesquisa temas vinculados às juventudes. E-mail: marcobasquetebol@gmail.com

Logo, a razão iluminista que prometia a emancipação dos indivíduos em séculos anteriores no presente converteu-se em uma espécie de desrazão, neologismo que traz incertezas acerca do futuro, do amanhã.

[...] A crise atual da razão consiste basicamente no fato de que até certo ponto o pensamento ou se tornou incapaz de conceber tal objetividade em si ou começou a negá-la como uma ilusão. Esse processo ampliou-se gradativamente até incluir o conteúdo objetivo de todo conceito racional (HORKHEIMER, 2002, p.13).

Diante do exposto ou o sujeito entrega os pontos, desiste, rende-se e permite que a vida simplesmente se vá definhando, pois não há o que ser feito, ou assume uma posição de engajamento social, rumo à elaboração de um pensamento crítico que seja o alento, a resistência para demais possibilidades de reescrita da história.

[...] A razão jamais dirigiu verdadeiramente a realidade social, mas hoje está tão completamente expurgada de quaisquer tendências ou preferências específicas que renunciou, por fim, até mesmo a tarefa de julgar as ações e o modo de vida do homem. Entregou-os à sanção suprema dos interesses em conflito aos quais nosso mundo parece estar realmente abandonado (IBIDEM, p.15).

Contudo, não se tem a intensão de estigmatizar o sujeito como o único responsável pelo por vir, ao contrário a história se processa através de uma complexa teia que se forma na relação entre o indivíduo e a cultura. Dito isto, e tendo a clareza de que é necessário iniciar de algum ponto, ponto este que não está solto, imerso em uma espécie de “buraco negro”/niilismo filosófico; vê-se na obra Eclipse da Razão, de Max Horkheimer (2002) um esforço de análise social, permeando ora o sujeito, ora a cultura, bem como a complexa relação que se estabelece entre ambos, tendo por um de seus propósitos a constituição do pensamento crítico. Por isto, o presente texto tem por objetivo identificar qual a perspectiva de sujeito presente na obra Eclipse da Razão, se crítico e autônomo em busca de emancipação, ou o contrário, alienado e amalgamado ao sistema. Como afirmado tem-se a clareza de que os processos de transformação são resultantes de complexos fenômenos sociais, que se dão entre o sujeito e a cultura. Acredita-se que o engajamento do indivíduo se constitui em um dos múltiplos vetores capazes de romper com a barbárie e reescrever a

história². Entretanto, quando este assume posição de neutralidade ocorre o contrário, sendo a reprodução do perverso discurso do *status quo*.

RESITÊNCIA FILOSÓFICA À BARBÁRIE DA RAZÃO INSTRUMENTAL

Para Horkheimer (2002) a razão dos dias atuais está marcada por um processo de formalização que foi capaz de interferir em diferentes esferas da atuação humana. Logo, algo recebe *status* de racional se estiver imbuído de funcionalidade prática/pragmática, se apresentar resultado imediato.

[...] Segundo o ponto de vista da razão formalizada, uma atividade só é racional quando serve a outro propósito, como, por exemplo, a saúde ou o descanso, que ajude a recuperação da energia produtiva. Em outras palavras: a atividade é simplesmente um instrumento, pois retira o seu significado apenas através de sua ligação com outros fins (2002, p.41).

Nada escapa a esta razão formalizada, pois do universal ao singular o que se pode perceber é que há uma tentativa de consolidação deste discurso por narrativas que via de regra se espalham através dos meios de comunicação de massa pelo imperativo da indústria cultural³.

Ao tentar transformar a física experimental num protótipo de todas as ciências e modelar todas as esferas da vida intelectual segundo as técnicas do laboratório, o pragmatismo é o correlato do industrialismo moderno, para quem a fábrica é o protótipo da existência humana, e que modela todos os ramos da cultura segundo a produção na linha de montagem ou segundo o escritório executivo racionalizado [...] (IBIDEM, p.55).

² Neste texto compreende-se a história como o resultado da intervenção do indivíduo em seu contexto social, cujo presente é resultante das contradições e lutas de classe travadas no passado. Ao herdar este presente, acredita-se que o humano é capaz de transformá-lo, também pelo viés da luta de classes, o que impede o presente de ser uma espécie de eterno passado e o futuro uma repetição do presente. Sobre este caráter da história Marx (2002, p.6) diz que: “[...] Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado [...]”.

³ Conceitua-se aqui como indústria cultural todo o aparato técnico, midiático, produtivo e pragmático que transforma os diferentes patrimônios culturais em meros objetos do desejo. Que ao serem impregnados, envolvidos por aura mercadológica e espetacularizada no sistema capitalista, lançam determinado fetiche sobre os indivíduos que acreditam na satisfação das suas necessidades – emocionais – a partir do consumo do que anteriormente legado cultural, agora simples mercadoria exposta nas vitrines e anúncios publicitários (ADORNO, HORKHEIMER, 1985).

Nesta lógica a dimensão social é tida enquanto lugar propício à aplicabilidade do praticismo em busca de uma ampla margem de resultados. Assim, tanto o sujeito é classificado quanto a cultura é orientada pela ótica pragmática da produção industrial, da fábrica e do mercado. *Time is Money!* Por este viés o que não for calculado, matematizado, milimetricamente medido e rentável economicamente é estigmatizado com chagas que visam a sua completa e total aniquilação. Tal barbárie relega às Ciências Humanas um lugar na berlinda pragmática obrigando as mesmas a gerarem resultados imediatos e desconsiderando que elas se articulam por outros processos epistemológicos, entrelaçados na complexidade dialética dos fenômenos históricos, sociais e simbólicos. Estes, permeados por infinidades de sentidos e significados que só podem ser compreendidos em sua totalidade junto aos contextos humanos e culturais – de *práxis* – em que foram criados, constituídos, elaborados, apropriados e ressignificados. Ao se referir a cultura é imprescindível mencionar o entendimento de Bauman (2012) quando diz o que se segue:

A cultura é a única faceta da vida e da condição humana em que o conhecimento da realidade e o do interesse humano pelo autoaperfeiçoamento e pela realização se fundem em um só [...]. É, na verdade, o único conhecimento audacioso o bastante para oferecer ao mundo seu significado, em vez de acreditar [...] com ingenuidade, que o significado está ali, já pronto e completo [...] (BAUMAN, 2012, p.300).

Esta discussão, referente ao pragmatismo científico que interfere inclusive na produção do conhecimento no campo das Humanidades, da cultura, etc, pode ser mais bem elucidada quando ao migrar-se o olhar para o setor da Educação Superior vê-se – empiricamente – como tem sido ampla a procura pelos cursos das áreas das Ciências Naturais, Exatas e da Saúde, pelos indivíduos que pleiteiam uma vaga, via vestibular e/ou ENEM⁴ enquanto estudantes nas universidades brasileiras. E em contrapartida como os cursos das Ciências Humanas tem se esvaziado, no que tange à procura, e principalmente as Licenciaturas que primam pela formação de futuros professores. Entretanto se nem tudo são “flores” Horkheimer (2002) nos chama a refletir sobre a importância da

⁴ ENEM se refere a sigla utilizada para denominar o chamado Exame Nacional do Ensino Médio, sendo na atualidade a principal forma de ingresso e entrada dos concluintes da Educação Básica; jovens e adultos, que se finda com o término do Ensino Médio; no Ensino Superior Público – Estadual ou Federal – e Privado no Brasil.

constituição de um pensamento autônomo, independente, genuíno e articulado com a crítica filosófica.

[...] Mas está bem dentro da linha das idéias do positivismo reduzir o que lhes escapa como “valores” a fatos, e representar as coisas do espírito como algo reificado, um tipo de mercadoria ou produto cultural especial. O pensamento filosófico independente, crítico e negativo como é, deve erguer-se acima tanto do conceito de valores quanto da idéia da absoluta validade dos fatos (HORKHEIMER, 2002, p.86, grifos do autor).

Contudo, Horkheimer (2002) adverte que para o pensamento crítico não cair em um processo de formalização, praticismo e pragmatismo – com viés autoritário e totalitário – tal qual a razão no presente, é preciso engajar-se pelos caminhos da negação. Negar não como o resultado de movimentos metafísicos característicos do tempo em que se vive. E sim como tensões, que nos confrontos de diferentes interesses oriundos da realidade material, geram contradições, advindas do ato político da negação do que está posto como verdade absoluta. Isto requer ousadia, coragem e resistência, elementos de uma espécie de dialética com a qual pode-se caracterizar/denominar como negativa.

[...] O neotomismo falha porque é uma meia-verdade. Em vez de desenvolver seus ensinamentos sem se incomodar com sua utilidade, seus espertos propagandistas têm sempre procurado adaptá-los às exigências mutáveis das forças sociais predominantes. Nos anos recentes eles também adaptaram esses ensinamentos aos usos do moderno autoritarismo, contra o qual, apesar de sua derrota atual, o futuro tem de ser ainda resguardado. A falha do tomismo consiste na sua pronta aquiescência aos objetivos pragmáticos e não na sua ausência de praticabilidade. Quando uma doutrina substancializa um princípio isolado que exclui a negação, ela está se predispondo paradoxalmente ao conformismo (IBIDEM, p.91-92).

A partir desta espécie de dialética negativa pode-se enxergar com clareza e assim perceber que a dominação da natureza (objeto) pelo indivíduo (sujeito), que se dá no bojo da história e do social que é cultural, também representa a domesticação, dominação, alienação, reificação, coisificação e objetificação do próprio homem pelo homem. Pressuposto para a desumanização, o totalitarismo e a barbárie.

[...] a idéia de que a razão, a mais alta faculdade humana, se relaciona exclusivamente com instrumentos, ou melhor, é um simples instrumento em si mesma, é formulada mais claramente e aceita mais geralmente hoje

do que jamais o foi outrora. O princípio de dominação tornou-se o ídolo ao qual tudo é sacrificado.

A história dos esforços humanos para subjugar a natureza é também a história da subjugação do homem pelo homem [...] (IBIDEM, p.109).

Logo, Horkheimer (2002) nos conclama a não só identificar o problema, mas acima de tudo e com o aporte da filosofia negativa resistir ao domínio empreendido pela razão formalizada manifesta na industrialização da vida, onde a existência se confunde com pragmatismo. Deste modo teoria e prática – *práxis* – se articulam via engajamento de cunho político, crítico, existencial e filosófico.

[...] O indivíduo resistente se oporá a qualquer tentativa pragmática de conciliar as exigências da verdade e as irracionalidades da existência. Em vez de sacrificar a verdade pela conformidade com os padrões dominantes, ele insistirá em expressar em sua vida tanta verdade quanto possa, tanto na teoria quanto na prática [...] (HORKHEIMER, 2002, p.116).

Falar em filosofia negativa não é assumir um pessimismo ingênuo ao contrário é posicionar-se de maneira crítica tendo em vista desconfiar do sempre igual, daquilo que se mostra como já pensado, atitude esta corriqueira nas tidas e ditas sociedades administradas do capitalismo tardio. É acima de qualquer suspeita estar à espreita e levantar dúvidas empreendendo-se a partir de inúmeras investidas rumo ao contraditório, à descoberta de fissuras em narrativas que ao interpretarem a realidade apresentam brechas entre o que se diz e o que se é na realidade material, social e cultural. E ainda, dentre as múltiplas possibilidades que a filosofia negativa presta ao pensamento, à interpretação da realidade, ao engajamento político e a resistência está à busca pela reconstrução das relações entre seres humanos e natureza extra-humana, indivíduo e cultura, sujeito e objeto. Reconstrução esta que não é tarefa fácil, tal qual propagada pelo senso comum. Uma vez que requer crítica e autocrítica, embebidas de coragem filosófica para assumir as próprias contradições e erros ao longo da história e no desvelar/descortinar dialético do mundo e das suas muitas realidades.

[...] A equiparação de razão e natureza, pela qual a razão é degradada e a natureza bruta exaltada, é uma falácia típica da era da racionalização. A razão subjetiva instrumentalizada ou louva a natureza como pura vitalidade ou a deprecia como força bruta, em vez de considerá-la como um texto a ser interpretado pela filosofia que, se for corretamente lido, revelará uma

história de sofrimento infinito. Sem cometer a falácia de igualar natureza e razão, a humanidade deve tentar conciliá-las (HORKHEIMER, 2002, p.129-130).

Diante do exposto, o processo da autocrítica, fruto da filosofia negativa, é capaz de nos levar à descoberta de que a realidade, além de ser o resultado das disputas que se empreendem na materialidade, poderia como poderá ser de outra maneira, pelo motivo de que ela não é predeterminada e está em mutação, movimento e sendo passível de reconstrução, de possibilidades, incluindo a relação razão, humanidade e natureza.

A circunstância de que o cego desenvolvimento da tecnologia reforça a opressão e exploração social ameaça a cada passo transformar o progresso em seu oposto, o barbarismo completo. Tanto a ontologia estática quanto a doutrina do progresso – ou seja, as formas objetivistas e subjetivistas de filosofia – esquecem o homem (IBIDEM, p.139).

Este fato corrobora para a apreensão de que a razão, bem como a ciência, se formalizaram, se converteram em tecnologias autodestrutivas mediante a supervalorização dos conglomerados econômicos mundiais, do mercado que padroniza as pessoas, das disputas que enfatizam a necessidade do poder bélico como fonte de disseminar o medo e o pavor mundo a fora; pela desvalorização da arte, da filosofia, do humano, da vida, etc.

[...] o sujeito da razão individual tende a tornar-se um ego encolhido, cativo do presente evanescente, esquecendo o uso das funções intelectuais pelas quais outrora era capaz de transcender a sua real posição na realidade. Essas funções são hoje assumidas pelas grandes forças sociais e econômicas da época. O futuro do indivíduo depende cada vez menos da sua própria prudência e cada vez mais das disputas nacionais e internacionais entre os colossos do poder. A individualidade perdeu a sua base econômica (IBIDEM, p.145).

Contudo, Horkheimer (2002) parece identificar prováveis caminhos e trilhas, brechas e fissuras em meio ao deserto de incertezas, tendo a clareza de que os processos sociais aos quais o sujeito está inserido são possíveis e passíveis de alterações ainda que a distopia seja um marco na atualidade. Então, tanto a razão quanto a ciência – e o conhecimento produzido – podem se reorientar a partir de outros pressupostos paradigmáticos, epistemológicos, de método e metodologia.

Não é a tecnologia nem a auto preservação que devem ser responsabilizadas em si mesmas pelo declínio do indivíduo; não é a produção *per se*, mas as formas que assume isto é, as inter-relações dos seres humanos dentro do quadro específico do industrialismo. A labuta, a invenção e a pesquisa humanas são uma reação ao desafio da necessidade. Esses padrões se tornam absurdos apenas quando as pessoas transformam o trabalho, a pesquisa e a invenção em ídolos [...] (HORKHEIMER, 2002, p.157, grifos do autor).

Para tanto o referido pensador também ressalta o feito heroico de indivíduos, que diferente do astuto Ulisses – na mitologia da Grécia Antiga – possuíam diante de si, unicamente, o caminho da resistência ainda que sua dignidade humana estivesse ameaçada por completo, dadas as condições de existência do seu ser, do corpo, no contexto histórico dos campos de concentração. Aqui onde o sujeito esteve desprovido das condições básicas para a garantia de sua sobrevivência e manutenção da própria vida/corpo, cujo crepúsculo da morte viria ligeiro feito a produção em série/massa no sistema capitalista, foi possível encontrar indivíduos que se lançaram à ousadia da resistência. De se manterem e permanecerem vivos, na esperança de que a aurora, ainda que tardasse, haveria de chegar. Não como onda metafísica e sim como resultado das contradições que se fizeram/fazem matéria, na realidade concreta, resultante das disputas de poder e lutas das classes – sociais, culturais, econômicas, etc – que se opõem cotidianamente.

Os verdadeiros indivíduos do nosso tempo são os mártires que atravessaram os infernos do sofrimento e da degradação em sua resistência à conquista e à opressão, e não as personalidades bombásticas da cultura popular, os dignatários convencionais. Esses heróis não celebrados expuseram conscientemente sua existência como indivíduos à aniquilação terrorista que outros arrostam inconscientemente através dos processos sociais. Os mártires anônimos dos campos de concentração são os símbolos da humanidade que luta para nascer. A tarefa da filosofia é traduzir o que eles fizeram numa linguagem que será ouvida, mesmo que suas vozes finitas tenham sido silenciadas pela tirania (IBIDEM, p.165).

Na referida atitude dos indivíduos – não apenas, porém, principalmente os judeus, sendo a maioria a ser dizimada no holocausto alemão – mediante o horror da indústria da morte nazista, os campos de concentração, Horkheimer (2002) identifica um caminho fértil que poderá levar ao ato contemplativo de que ainda não se esgotaram todas as vias e os caminhos para o devir histórico. O anúncio de outro amanhã. Todavia cumpre ressaltar

o compromisso da constituição de canais, tendo como objetivo propagar-se junto à sociedade o feito heroico, a resistência e insistência da vida e de permanecer-se vivo. Para tal, ao contrário da sutileza dos meios de comunicação de massa, aparato da indústria cultural, compete à filosofia, elemento da cultura, não se esvair em si, mas ao ser gestada na academia ganhar a praça pública, reviver a *ágora* grega na contemporaneidade e tornar conhecidos aqueles que até o fim ousaram em se manter firmes, plenos e de olhos abertos. Ainda que o terror totalitário estetizasse a paisagem, o por vir se mantinha em foco, alimentando a esperança, aurora.

A filosofia deve se tornar mais sensível aos testemunhos mudos da linguagem e sondar os estratos da experiência que neles se preservam. Toda linguagem tem um significado que envolve as formas de pensamentos e os padrões de crença enraizados na evolução do povo que a fala [...]. Seria um equívoco, no entanto, presumir que podemos descobrir o significado essencial de uma palavra simplesmente indagando o povo que a usa [...]. Na época da razão formalizada até as massas favoreceram a deterioração de conceitos e idéias [...]. O filósofo deve evitar o seu exemplo. Não pode falar sobre o homem, o animal, a sociedade, o mundo, a mente, o pensamento, tal como o cientista da natureza fala sobre uma substância química qualquer: o filósofo não possui uma fórmula (HORKHEIMER, 2002, p.170-171).

Se à filosofia cabe a árdua tarefa de propagar por meio da linguagem, diferenciando-se do modelo científico das Ciências Exatas e Naturais, ou seja, formais e positivistas, através de perspectiva/via de método humanista, estético/sensível e ético/formativo a resistência dos verdadeiros heróis. Por outro lado, cabe à razão – levando-se em conta as disputas de classes vigentes no mundo concreto – ser o conceito que norteará o entendimento e a compreensão dos indivíduos, que não vivenciaram a barbárie dos campos de concentração, entretanto são espoliados/explorados no mundo do trabalho pela opressão capitalista e alienados pelo consumo veiculado através dos mecanismos de comunicação de massa, da indústria cultural. Almeja-se deste modo o alcance da emancipação dos sujeitos que ainda permanecem em estado de hibernação corporal – física e intelectual – alimentando o *status quo*. Todavia, como já dito no presente texto e embasado em Horkheimer (2002) a razão é um conceito que não possui nem a formalização e muito menos a emancipação como condição primeira de sua gênese, criação, essência e constituição semântica. Diante do exposto tal argumento pode ser mais

bem representado pelo caráter de subjetividade-objetividade que a razão poderá assumir, razão esta que se manifesta imbricada e correlacionada aos fatores de ordem histórica, cultural, social e política. Horkheimer (2002) afirma que:

A questão fundamental que se discute neste livro, a relação entre os conceitos subjetivos e objetivos da razão, deve ser apreciada à luz das reflexões precedentes sobre o espírito e a natureza, o sujeito e o objeto. O que tem sido referido no Capítulo I como razão subjetiva é aquela atitude da consciência que se acomoda sem reservas à alienação entre sujeito e objeto, ao processo social de reificação, temendo cair, de outra maneira, na irresponsabilidade e na arbitrariedade, e tornar-se um mero jogo de idéias. Os sistemas atuais de razão objetiva, por outro lado, representam tentativas de evitar que a existência se submeta às contingências e ao acaso cego [...] (IBIDEM, p.178).

Ante ao que foi dito cabe ressaltar que o cenário que se forma diante do indivíduo é marcado por dilemas que transitam entre a razão subjetiva, alienada, e a razão objetiva, emancipada. Então é preciso que a partir da reflexão filosófica; oriunda de dialética cuja *práxis* resulta em pensamento negativo/ação, que tende a não validar o *status quo*, latente na obra de Horkheimer (2002), e que orientou a presente discussão; tenha-se a coragem e o engajamento militante de estabelecer possibilidades de críticas – e autocríticas – capazes de extrair ressonâncias, bem como atitudes, em direção ao caráter emancipatório da razão, denominada por Horkheimer (2002) de razão objetiva. Tem-se como alvo o despertar consciente dos humanos para a *práxis* – tentando-se aparar as arestas que ainda persistem e geram dicotomias entre pensar/agir/pensar – que questiona o que está dado, a realidade sempre igual, tendo por meta a autonomia intelectual e a ação filosófica, científica e ainda classista de vanguarda política.

Entretanto, ao apontar o sujeito como um elemento essencial no tocante ao por vir histórico tem-se a clareza epistemológica de que o processo emancipatório não se resume, não se restringe às decisões tomadas no bojo da individualidade antropológica, uma vez que o indivíduo enquanto existente, é sociológico e ao produzir cultura e ser produzido pela mesma se forma objetiva e subjetivamente em um contexto de complexidades coletivas. É através da cultura e da vida em grupo, resultando-se em enredadas relações, que os sujeitos vão descobrir as linhas limítrofes, o limiar entre o individual e o coletivo, o particular e o público, o ser e a multidão – implicando inclusive em fator educativo – capaz

de constituir os acordos e combinados, a moral e ética, as leis e regras, para se viver em conjunto com os demais indivíduos. É o que Guimarães (2011), a partir de paradigma psicanalítico freudiano, assevera. Veja-se abaixo:

[...] A vida comunitária somente se torna possível quando se destitui a vontade arbitrária de um indivíduo, ou seja, o passo decisivo da civilização consiste na substituição do poder de um indivíduo pelo poder da comunidade. A característica essencial dessa mudança é que, em sociedade, está implícita a necessidade de renunciar às possibilidades de satisfação, ao passo que na lógica – fictícia – de um indivíduo isolado, apenas se obedece ao princípio do prazer. Impreterivelmente, a justiça apresenta-se como a primeira exigência da civilização com o intuito de regular os relacionamentos entre os homens. A lei possibilita a mediação entre o indivíduo e a sociedade [...] (IBIDEM, p. 31-32).

Ter esta clareza é fundamental para se criar condições de bom senso, equilíbrio e estabilidade na formação do ser enquanto indivíduo e no processo histórico de vida em sociedade. Quer se dizer com isto que pela cultura é permitido/propiciado ao sujeito identificar o viver comunitário como constituinte de acordos coletivos. E estes acordos culturais, na materialidade do Estado, são denominados de leis e recorrer às mesmas visa à prática da justiça, do direito e da democracia.

Todavia, através de Guimarães (2011) – em suas reflexões freudianas – é possível e também preciso considerar que entre a realização da vontade do indivíduo e o cumprimento da norma coletiva, existe uma espécie de intervalo e contradições a que toda e qualquer sociedade está sujeita. E o alcance do equilíbrio na dissonante relação entre o sujeito e o coletivo, o privado e o público, o particular e a população é um desafio posto – materializado – para todo grupo humano. E que os processos de sublimação via educação (incluindo a Educação Física e a cultura corporal⁵), política, arte, ciências, filosofia, etc exercem relevante contribuição na busca por ressignificar os tensos (e ainda repressores) conflitos morais, éticos, estéticos e existenciais entre o indivíduo (consigo próprio), o seu povo e a sua comunidade. Por isso que o estabelecimento de novas relações entre sujeito e

⁵ Entende-se por cultura corporal os saberes simbólicos, culturais, sociais, políticos e artísticos produzidos pela humanidade a partir de sua inserção histórica com o corpo na realidade material, por meio de práticas lúdicas, recreativas e de sobrevivência que lhes permitiram ressignificar a si próprios e ao mundo concreto – vivido dialeticamente – ao longo dos tempos medidos em anos, séculos, etc. A cultura corporal é o objeto de estudo da Educação Física e pode ser traduzido em atividades tais como as brincadeiras, os jogos, as mímicas, os esportes, as lutas corporais, as ginásticas, dentre outras (CASTELLANI FILHO, 2009).

objeto, humano e natureza extra-humana, indivíduo e sociedade – passando pelos campos da cultura, da razão, da epistemologia e da política – não se resolveram, não se resolvem e nem se resolverão com “soluções” rápidas, pragmáticas, positivistas, darwinistas e ortodoxas. Que pretendem repetir fórmulas, empreitadas e experiências, em contextos simbólicos, sociais e formativos que se diferenciam no tempo e no espaço daqueles em que estas supostas experiências já foram utilizadas e que se acredita terem logrado êxito⁶.

É na inserção/imersão dos indivíduos concretos na história, por meio da luta de tom político, coletivo e classista, que ela é escrita e reescrita, contribuindo para o surgimento de racionalidade que reconheça a instrumentalidade pela qual o sujeito moderno trata o objeto, o humano a natureza externa e o indivíduo o mundo. Para tanto, faz-se necessário encarar a realidade por via de esperança e resistência, com olhar a longo prazo; que ao se distanciar dos imediatismos irracionais que estabelecem dia, hora e lugar para que a história ocorra, com prazo de início e fim; mediado por incessantes idas e vindas filosóficas – de luta e de razão – e embasadas de crítica e autocrítica. Logo Horkheimer (2002) vai dizer que:

[...] A verdadeira crítica da razão descobrirá necessariamente os substratos mais profundos da civilização e explorará a sua história mais antiga. Desde o tempo em que a razão se tornou o instrumento para a dominação da natureza humana e extra-humana pelo homem [...] ela tem se frustrado em sua intenção de descobrir a verdade (IBIDEM, p.181).

Se o atual contexto apresenta-se inóspito à emancipação, dado à formalização da razão, formalização esta que contribuiu para dogmatizar diferentes esferas da existência; e ainda para ameaçar a própria existência haja vista o uso da ciência, um dos desdobramentos da cultura e da razão, para a fabricação de tecnologias de guerra, de destruição em massa; ainda assim Horkheimer (2002) não se permite adentrar a uma

⁶ É fundamental a afirmação de Marx (2002) ao falar sobre a mera recorrência ao passado não como memória cabível de crítica, autocrítica e reflexão. Mas, sim como modelo engessado a ser seguido/repetido cegamente quando se tem no presente novas, outras, inéditas e viáveis possibilidades revolucionárias. Diz Marx (2002, p.6-7): “[...] A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos. E justamente quando parecem empenhados em revolucionar-se a si e às coisas, em criar algo que jamais existiu, precisamente nesses períodos de crise revolucionária os homens conjuram ansiosamente em seu auxílio os espíritos do passado, tomando-lhes emprestado os nomes, os gritos de guerra e as roupagens [...]”.

espécie de visão fatalista como se já houvesse chegado ao fim e não restasse mais luta, dialética, contradição, movimento, política, crítica, autocrítica, história e filosofia. O mencionado autor afirma que:

[...] Se a filosofia conseguir auxiliar as pessoas a reconhecer esses fatores, prestará um grande serviço à humanidade. O método da negação, a denúncia de tudo que mutila a espécie humana e impede o seu livre desenvolvimento, repousa na confiança no homem. [...] Se por evolução científica e progresso intelectual queremos significar a libertação do homem da crença supersticiosa em forças do mal, demônios e fadas, e no destino cego – em suma, a emancipação do medo então – a denúncia daquilo que atualmente se chama de razão é o maior serviço que a razão pode prestar (IBIDEM, p.191-192).

As promessas de felicidade e prosperidade, etc, creditadas na modernidade à razão e a ciência (positivista), política e economia oriundas da mesma não se concretizaram. Ao contrário, o que se pôde testemunhar historicamente foi a manutenção da desigualdade social através da mão de obra assalariada, o domínio instrumental do humano e da natureza extra-humana, a instabilidade política entre as diferentes nações – ocasionando conflitos e guerras mundiais – e o surgimento de movimentos nazifascistas que impuseram sobre as pessoas ideologias extremistas de cunho totalitário. Entretanto, apesar da desanimadora conjuntura e do trágico cenário que se formou/consolidou ao longo dos anos referentes ao período histórico da modernidade, ainda se constata pequenas brechas, fissuras que se remetem e fazem menção ao processo emancipatório. Tais possibilidades ressoam esperanças para um futuro menos sombrio, catastrófico, apolítico e pré-determinado.

E a partir de Horkheimer (2002) estaria na capacidade que a filosofia possui de comunicar denúncias acerca da razão instrumental e anunciar que resistir é preciso. Para isto, cabe aos indivíduos, ao invés de esperarem que a história se constitua como ente metafísico – resultante de estações temporais que vem e vão – agirem como autores da própria vida, destino e história. Nesta trilha de (in)certezas, elaborar novas relações entre o sujeito e o objeto, o indivíduo e o mundo será um passo decisivo na criação de diálogos horizontais e novas epistemologias que dão acesso à vida autônoma. Para tanto, os elementos de caráter ético e estético presentes na arte, política, educação, ciência e memória contribuirão rumo a formação deste sujeito crítico e autocrítico, vetor em pleno

potencial a sociedade emancipada – ainda que no momento seja ideia, utopia e esperança que tarda. Ádua é essa tarefa, porém, se o objetivo é que *Auschwitz* não se repita, ainda que como mero palavreado, farsa e/ou mentira⁷, urge para o presente, mesmo que seja a fagulha da denúncia do *status quo* – de razão e ciência reacionárias – por sujeito que nos embates da vida material (e nas tensões existenciais de sua singularidade individual com a coletividade da cultura), se vê como ser/corpo encarnado, concreto e capaz de engajamento, luta e transformação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início a perspectiva do presente texto teve como tarefa identificar quem é o sujeito na obra *Eclipse da Razão*, de Max Horkheimer (2002) – ou seja, como este provável sujeito pode aparecer ou ser retratado (?). Então, chegado neste ponto acredita-se ser possível alinhar, não um perfil ou mesmo um padrão e modelo. Entretanto, existem alguns sinais, tons e indicações do que vem/poderá vir a ser este sujeito segundo as reflexões apresentadas na referida obra – de grande importância (não somente) no campo das chamadas Ciências Humanas, Filosóficas e Sociológicas.

Diante do que foi exposto ao longo do texto, pode-se dizer/considerar que Horkheimer (2002) fez/faz uma crítica contundente e profícua à formalização da razão, que ao se tornar pragmática no decorrer da modernidade – por intermédio do positivismo de epistemologia cujos vínculos conectam-se às ditas/tidas Ciências Exatas e Naturais – dogmatizou/dogmatiza a vida humana (ou extra-humana) em todas as suas dimensões tais quais a cultura, política, filosofia, produção do conhecimento, relação do indivíduo para consigo próprio e para com o outro de si (podendo este ser tanto o humano quanto o ambiente natural – cujo domínio inviabilizará a pluralidade da vida/existência), dentre outros.

⁷Em Marx (2002) é possível identificar que o presente se mostra como oportunidade única, pois apesar de ser o resultado de experiências concretas do passado, é viável enquanto categoria aberta a reescrita da história humana pela luta. O que pode apontar para um futuro inédito, crítico e emancipado no que se refere às relações humanas. Então, para o referido pensador, quando a história dá sinais de repetição, isto ocorre duas vezes. Sendo uma como vertente do trágico e a outra como farsa. Diz Marx (2002, p. 6) sobre as duas possibilidades de repetição da história: “[...] a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa [...]”.

Assim, adultera-se a relação entre humano e natureza (extra-humana, sendo esta o meio natural onde se constitui a vida material – em seus determinantes corporais objetivos e subjetivos, éticos e estéticos), indivíduo e cultura, ente e política, sujeito e objeto, o que por sua vez destaca, demarca, promove, gera e constitui um processo histórico, sociológico e científico de posse/controlado do sujeito (visto como ser pensante e munido de razão) sobre categorias, esferas da existência (natureza, cultura, política e uma série de demais elementos passíveis de se apresentarem como objetos de reflexão e compreensão crítica) sem as quais o ato de viver seria mera estandardização.

Há aqui a implementação de faz de conta, imitação trágica e cômica de uma existência em plenitude, diversidade, coletividade e emancipação. Estes fatos relatados e interconectados por complexas redes de cunho da racionalidade instrumental, cujo aparato tecnocrático, desenvolvimentista e de progresso visa a constituição de conhecimento capaz de descrição metódica e metodológica para o completo domínio do ser que conhece, provido de cognição e raciocínio sobre o objeto, o mundo a ser pensado, descoberto, sistematizado e se possível recriado sobre os moldes do pragmatismo quantitativo positivista.

E como forma de completar a tarefa, a indústria cultural, via meios de comunicação de massa fica responsável por disseminar os valores acríticos da sociedade industrial, da técnica, do capitalismo tardio e contemporâneo cujos processos sociais desprovidos de teor crítico promovem a letargia e alienação das consciências individuais e coletivas. Logo, se o conhecimento humanamente produzido e historicamente acumulado contribuir para a confecção e fabricação de armas de guerra – podendo ser químicas, biológicas, etc – que alimentam o mercado da morte, não há implicações morais e éticas em tais investidas, pois são o resultado de tecnologias desenvolvidas para a proteção contra os inimigos; que podem ser quaisquer povos ou nações que decidam não se alinhar e/ou obedecer aos ditames, desmandos dos países denominados industrializados, do primeiro mundo, no ocidente. Aqui conhecer é poder. E poder de morte de milhares, milhões de vidas.

Todavia, Horkheimer (2002) também apresenta possibilidades filosóficas de resistência, ainda que deem a impressão de serem migalhas e pequenas fagulhas em meio ao mundo assombrado pela racionalidade técnica e instrumental. Nesta via de raciocínio, por mais que a conjuntura do presente seja inóspita a vanguardas de militâncias

progressistas, é possível ainda constituir investidas de caráter contestatório e questionador, por mais que não tenham a mobilidade e agitação revolucionária das lutas empenhadas/encampadas em demais momentos históricos. Para tanto, faz-se preciso que o sujeito se engaje e se comprometa com o pensamento crítico e autocrítico, mediado por negações dialéticas que não aceitam o fim dos tempos, da história e rejeitam o *status quo* como categoria irreversível e impossível de ser desconstruída. É preciso mais do que nunca ousar resistir e não se entregar ante a tempestade que urge contra os desbravadores, no solitário oceano, a velejar.

O sujeito que pensa/reflete criticamente – faz autocrítica e se engaja na luta – é capaz de resistir e denunciar as artimanhas do sistema político, científico e técnico que formalizou/formaliza, pragmatizou/pragmatiza, massificou/massifica e padronizou/padroniza a vida, a cultura (ainda que esteja em tensos conflitos com o humano, acerca das questões morais e éticas que envolvem a relação entre o indivíduo e a sociedade), o conhecimento, a política, a ciência, o meio natural, as relações humanas e o mundo. Este sujeito apreende da realidade o fato de que ela se forma/se constitui a partir de condições históricas, culturais, simbólicas, políticas e sociais que vão se constituindo a partir da intervenção humana – dialética – no tempo e no espaço. Nesta perspectiva, toda e qualquer maneira de viver, modo de produção, sistema político ou epistemológico não se configura como uma realidade dada e metafísica, mas sim como um processo que foi criado e deste modo poderá ser desfeito, para a constituição de outro paradigma de sociedade e ciência que dialogue ética e esteticamente com princípios norteados pela coletividade, solidariedade e produção do conhecimento para a vida ao invés do domínio do outro, do meio natural e da proliferação da morte em escala global.

Então, a partir das pistas que Horkheimer (2002) vai deixando ao longo do Eclipse da Razão, é possível identificar que a premissa de sujeito presente na obra é a de um ser que inconformado com a realidade que está posta, vê na filosofia o meio para se engajar rumo à denúncia da racionalidade técnica e instrumental que tornou a razão, o conhecimento, a vida, etc, pragmáticos ao ponto de serem formados e ainda participarem na formação de um mundo moderno que por ser técnico, altamente administrado, quantitativo nos mínimos detalhes do método científico positivista é também utilitarista.

Este sujeito, ao se engajar via filosofia crítica e autocrítica, ao se inserir na luta política – que é de classe – é capaz de, na associação com seus pares, constituir outras formas de razão pois refletir sobre a realidade, não será mais uma ação unicamente individual e sim um processo coletivo. E nesta *práxis* de pensar-agir-pensar surge uma espécie de partilha sobre o fenômeno analisado, o concreto pensado, relevante na constituição de outra razão, demais produções do conhecimento e a descoberta de que não há imparcialidade e neutralidade epistemológica, logo do fazer científico.

O referido sujeito que resiste e denuncia a racionalidade técnica e instrumental, à medida que, em conjunto com sua classe social, vai tomando consciência de si e do seu lugar no mundo, da sua condição de explorado e corpo reificado pelo trabalho assalariado capitalista, é capaz de anunciar aos outros e pelos quatro cantos de sua comunidade que o por vir, o amanhã, o vir a ser poderá ser diferente. Não como movimento metafísico, e sim como construção coletiva, resultado do engajamento político, de classe, autônomo e emancipado daqueles que da condição de explorados passaram ao quadro de autores da própria vida, história e existência.

Entretanto, se a produção de conhecimento científico via denúncia filosófica operada por sujeito engajado no coletivo é de grande importância no processo de resistência à razão instrumental, a dimensão da ética e da estética possibilitada pela produção cultural da arte também é imprescindível, singular e relevante no que tange a linguagem simbólica sublimada que permite fruição e experiência sensível. Aqui, obra artística seja de que matiz for poderá tanto ser linguagem de denúncia do *status quo* e anúncio do vir a ser, despertando os sujeitos da letargia intelectual e cognitiva.

Então, pela arte também é possível constituir *insights* que se traduzam em ressonâncias, que podem migrar na direção da constituição de relações entre homem e meio natural, indivíduo e cultura, sujeito e objeto, que não sejam balizadas pelo domínio daquele que faz o experimento sobre o que é está imerso na experiência, como mero fenômeno a ser descrito, observado, medido e quantificado.

Para não concluir, se o vir a ser é histórico que se compreenda a importância de iniciar-se por algum ponto. Ponto este que não esteja solto, todavia que seja encarnado na realidade material, cultural, social, política, no tempo e espaço presente, propício a resistência e ao inconformismo do sujeito, a aurora. Que na esperança que alenta a jornada

do caminhante trovador de versos, possa-se filosófica, artística e esteticamente contemplar que:

Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Eu pergunto a você
Onde vai se esconder
Da enorme euforia
Como vai proibir
Quando o galo insistir
Em cantar
Água nova brotando
E a gente se amando
Sem parar [...] (CHICO, 1978)⁸.

⁸ CHICO, Buarque. **Apesar de você**. Álbum Chico Buarque. Polygram/Philips, 1978.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. W.; **HORKHEIMER**, Max. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/baixar-livro-dialetica-do-esclarecimento-theodor-adorno-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>>. Acesso em: 12 Jan 2021.

BAUMAN, Zygmunt. Ensaios sobre o conceito de cultura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2012.

CASTELLANI FILHO, L. et al. Metodologia do Ensino da Educação Física. 2 ed. rev. São Paulo: Cortez, 2009.

CHICO, Buarque. Apesar de você. Álbum Chico Buarque. Polygram/Philips, 1978.

GUIMARÃES, Veridiana Canezin. Sujeito e Cultura em O Mal-Estar da Civilização. Goiânia: Ed. Da PUC Goiás, 2011.

HORKHEIMER, Max. Eclipse da Razão. São Paulo: Centauro, 2002.

IDEM E IBIDEM DESCOMPLICADOS. Disponível em: <<https://rvstextos.wixsite.com/rvstextos/single-post/2016/11/12/Idem-e-Ibidem>>. Acesso em: 26 Jan 2021.

MARX, Karl. O 18 Brumário de Luiz Bonaparte. Copyleft: Ridendo Castigat Mores, 2002. Versão Digital para eBook: eBooksBrasil.com. Disponível em: <<https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/4/o/brumario.pdf>>. Acesso em: 20 Jan 2021.